

# O consumo de viagens turísticas dos moradores das Periferias do Recife-PE: um relato etnográfico

Rosana Eduardo da Silva Leal\*

## Introdução

O presente trabalho tem por finalidade analisar o consumo de viagens turísticas organizadas por moradores dos bairros populares do Recife, que promovem durante todo o ano deslocamentos para os mais distintos destinos turísticos nordestinos. O intuito do estudo é identificar a lógica social e simbólica que sustenta o processo de consumo dos trajetos, tendo a viagem turística como principal campo da pesquisa etnográfica. Para tanto, concentramos a análise em dois aspectos principais: os vínculos sociais que sustentam o sistema pesquisado e as experiências de viagem desencadeadas pelos trajetos comercializados.

A pesquisa está pautada na teoria de Certeau (2007), que considera a existência de outro tipo de produção traduzida no consumo, do qual o sujeito cultural fabrica, produz e cria possibilidades de empregar produtos que lhes são impostos. A defesa do autor é que as pesquisas devem investigar não apenas as regras do sistema vigente, mas também as manipulações desenvolvidas pelos praticantes. Trata-se, portanto, de uma abordagem “indisciplinada” do turismo, que reduz o interesse nas instituições para trazer à tona indivíduos e práticas em diálogo com a estrutura vigente, incluindo-se em estudos que buscam observar como os pressupostos gerais do capitalismo ganham novos contornos quando postos em prática no cotidiano local.

Por isso, neste artigo, buscaremos discutir os vínculos estabelecidos entre os integrantes dos trajetos turísticos pesquisados, por meio das categorias *companheirismo* e *amizade*. Depois examinaremos o processo de aprendizagem

---

\* Doutora em Antropologia pela Universidade Federal de Sergipe; Líder do Grupo de Pesquisa em Antropologia e Turismo - ANTUR/UFS/CNPQ; Docente do Departamento de Turismo (DTUR) e do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Culturas Populares (PPGCULT) da Universidade Federal de Sergipe; Brasil.

E-mail: rosanaeduardo@yahoo.com.br

sociocultural desencadeada pela dinâmica turística. E por fim analisaremos o ônibus e o quarto de hotel como espaços de interação social entre os viajantes.

## O companheirismo e a amizade nos trajetos turísticos

Nas excursões, os vínculos estabelecidos entre os integrantes resultam de uma convivência curta, porém densa, que promove trocas simbólicas pautadas na hospitalidade, solidariedade, comprometimento e reciprocidade, envolvendo o companheirismo e a amizade.

O companheirismo é constituído por um conjunto de relações sociais ocorridas durante os trajetos, que dão conta das necessidades pontuais de sociabilidade. Trata-se de uma situação momentânea de interação social que se dissolve ao fim de cada viagem. É a relação que se estabelece entre os companheiros de assento, de mesa de refeição ou quarto de hotel.

O companheirismo reflete o “impulso da sociabilidade” como chamou Simmel (2006), por responder às necessidades momentâneas de associação sem ultrapassar o momento da viagem. Tal categoria afeta mutuamente os envolvidos, estando, portanto, permeado por acordos tácitos de convivência. Trata-se de um modo de lidar com a alteridade, abarcando dimensões micro e macrossociais.

A dimensão microssocial resulta da interação entre os indivíduos que experimentam maior proximidade dentro do grupo, ou seja, os que compartilham o assento do ônibus e o quarto de hotel englobando assim a relação indivíduo-indivíduo. Já a perspectiva macrossocial envolve dimensões mais amplas de convivência absorvendo todos os integrantes do grupo, abarcando a relação indivíduo-grupo. Neste segundo caso, “[...] é preciso exibir ‘fidelidade’ ao grupo comungando atividades, não recusando convites, se prestando à ajuda mútua [...]” (NERY, 1998, p. 138).

Além do companheirismo tem-se a amizade, um modo de associação construído através de vínculos mais duradouros. Trata-se de uma forma de convivência que ultrapassa o universo provisório das viagens e se estabelece na vida cotidiana. Por isso, apresenta-se como uma categoria de relacionamento embasada na confiança e engajamento, estando inscrita em um comprometimento não temporário com o outro. Conforme identifica Giner (1995), a amizade está revestida de um compromisso voluntário que segue parâmetros culturais compatíveis com o grupo que está vinculado. Envolve um sistema de obrigações recíprocas pautados na dedicação mútua e lealdade incondicional. Tal afirmação pode ser percebida nos relatos de duas interlocutoras: “A gente faz amizade nova. É outro conhecimento. É outro entretenimento. Eu já fiz muita

amizade com a viagem. [...] As pessoas me dão o endereço, o telefone, a gente se comunica. Fica se comunicando” (Dona Ednéia). Tal forma de associação também pode ser observada no relato a seguir:

Quinze anos que eu viajo constantemente. Eu já tenho um ciclo de amizades que é só de amigos que viajam. Acho que tem umas cinquenta pessoas, [que são] amigos ou colegas de viagem. Porque tem também os colegas de viagem também. Porque tem outras pessoas que só são colegas de viagem, que só se encontram nas viagens (Fábia, outubro de 2008).

Conforme Onfray (2009, p. 45),

[...] no exercício da amizade, o outro é o estranho menos estranho possível. Com ele se compartilham as palavras, o silêncio, a fadiga, o projeto, a realização, o riso, a tensão, o relaxamento, a emoção, a cumplicidade. Sua presença se manifesta antes, durante e depois [da viagem].

É o que aconteceu com duas amigas que se conheceram numa excursão. Fábia tem 50 anos, é divorciada, mora sozinha, trabalha e é independente. Sempre teve o hábito de viajar, mas com o fim do casamento prometeu que só pararia se tivesse problemas financeiros ou de saúde. “De lá pra cá, desde a minha separação eu viajo muito, muito mesmo”. Para ela, viajar é importante por vários aspectos:

Primeiro porque é um bom lazer, apesar de ser um pouco caro. Pra mim é relaxante. Eu me desestresso muito. Ainda por cima você conhece muita gente. Meu ciclo de amizade aumentou. Eu sempre tive muitos amigos, mas hoje eu tenho muito mais, porque é um amigo que leva um amigo, que leva outro amigo. E aí você vai aumentando seu ciclo de amizade. Inclusive tem amigos que ficam pra sempre, como eu falei da minha amiga aqui. A gente se conheceu faz doze anos. Fez agora no dia 12 de outubro. Eu tinha acabado um relacionamento, um namoro de quatro anos. E ela estava levando as netas que estavam fazendo quinze anos pra Triunfo. De lá pra cá a gente nunca se separou. A gente se fala todo dia, se vê toda semana, viaja sempre que pode. [Fizemos] vinte e duas viagens em doze anos. Sempre juntas. Fora o que eu fiz separada [...] (Fábia, outubro de 2008).

Cora, 77 anos, viúva e dona de casa, sempre viveu para cuidar do marido e dos cinco filhos, conforme explica: “[...] eu era o quê? Casada com um militar reformado, mais velho do que eu vinte anos. [Minha vida foi] criar filho. Cinco filhos homens.

Educar, educar. E os filhos foram casando, depois o marido morreu”. [E me perguntei] e agora? O que eu vou fazer da minha vida?”. Foi então que após ser motivada pelos filhos resolveu fazer a primeira excursão em companhia das netas.

Fábia e Cora conheceram-se naquele momento e foi então que o companheirismo se transformou em amizade. “A gente vai ao *shopping*. Quando eu tô com problema eu ligo pra ela ou ela liga pra mim. Eu conheço a família dela. Eu já passei Natal na casa dela. Ela passou carnaval na minha” (Fábia). De idades e temperamentos distintos, as amigas relataram diversos episódios vividos durante as viagens, muitos deles devidamente registrados por uma delas num caderno. “A gente ficou como mãe e filha. Pra muita gente eu sou mãe dela” (Cora).

Nas viagens, a amizade implica na vivência comum de espaços e experiências. Tal vínculo é percebido durante as refeições, os passeios, as compras, na piscina do hotel e outros espaços percorridos nos trajetos. “A amizade serve de tônico necessário para a conjuração do estado de fragilidade consubstancial ao afastamento do domicílio, longe das referências habitualmente tranquilizadoras [...]” do cotidiano (ONFRAY, 2009, p. 44). É o que aconteceu com Cora que relatou a necessidade de viajar com pessoas amigas para minimizar a solidão e o contato com desconhecidos, como podemos observar a seguir:

Eu não gosto de viajar sozinha. Eu não tenho essa iniciativa de viajar sozinha. Até minha irmã diz assim: pega um grupo. Mas não é você entrar num grupo hoje e ter intimidade com aquela pessoa, de dormir no mesmo quarto. Eu gosto de ter mais aproximação com as pessoas pra poder viajar. [...] Eu gosto de viajar acompanhada (Cora, outubro de 2008).

As relações de companheirismo transformadas em amizade funcionam também como meio de associação e sociabilidade pós-viagem. É o caso de um grupo formado apenas por mulheres que se reúne mensalmente durante todo o ano.

Através de viagem, da primeira vez que eu vim para Aracaju, se juntou um grupo que hoje são quinze. E a gente se encontra de três em três meses. O nome deste grupo é Poderosas Independentes. A cada três meses a gente escolhe um restaurante e a gente chega de seis da noite e fica até as dez. Aí a gente conversa, conta os problemas, bebe, conta piada, diz safadeza... aquela brincadeira. Se tiver aniversário, a gente canta parabéns, tem amigo secreto. Tem ata. Tem tudo que tem direito. Depois a gente escolhe a próxima data. A gente sempre olha em cada viagem se tem alguém que a gente pode convidar para entrar no grupo. Porque o grupo não entra homem nem criança, só mulher. E só entra com convite.

Homem não entra de jeito nenhum. O critério é que seja educada, que a gente vê que não é de baixaria, que seja uma pessoa direitinha (Dona Edilma, janeiro de 2009).

As relações de amizade e companheirismo ocorrem na maioria das vezes entre mulheres. A idade varia de trinta a setenta anos, havendo maior número de viajantes acima dos cinquenta. Conforme uma interlocutora isso ocorre pelas dificuldades financeiras e obrigações familiares enfrentadas na fase adulta que impossibilitam a experiência turística para os mais jovens e facilitam para o público maduro:

Todo mundo tem vontade de fazer turismo. Passear, fazer excursão, viajar. Mas só quem pode fazer isso são as pessoas da terceira idade, que está perto de se aposentar ou que tenha um trabalho certo. Porque se a pessoa ganhar salário mínimo não faz nada. Com salário mínimo não pode nem viajar daqui pra lá, porque tem que comer, comprar remédio, pagar passagem. Se for novo, tá estudando, tem a passagem, tem os livros caros. Então quem faz mais passeio, turismo é quem tem um dinheirinho melhor, uma reserva boa. Porque se não for assim não faz não. Porque salário mínimo não dá para nada. [...] Tudo depende é do dinheiro. Porque se não tiver dinheiro não vai daqui pra lá. Se ganhar salário mínimo, coitado, não pode fazer viagem pra canto nenhum, porque tem os filhos para ajudar, tem os netos para educar. Ajuda o neto, ajuda os filhos, ajuda a família. É muito difícil fazer turismo, a não ser as pessoas mais antigas porque tem seu dinheirinho certo, mas mesmo assim nem todos, porque tem seus netos para educar. Eu tô vindo hoje porque estou mais estabilizada. Mas antes eu podia? Não podia nem comer uma pipoca. Nem uma pipoca eu podia comer. Porque meu pai pagava colégio pra mim. Só o colégio, a comida e a roupinha. Como é que eu podia fazer isso? Eu não podia nem chupar um picolé porque o dinheiro era só para a passagem (Dona Ednéia, dezembro de 2008).

As mulheres costumam viajar sozinhas, com amigas, familiares ou parceiros. Muitas delas são viúvas ou separadas e vivem o processo de esfacelamento das relações familiares envolvendo perdas de entes queridos, casamentos que não deram certo ou filhos que saíram de casa para construir família. Nesse sentido, as excursões servem como fonte de ampliação das redes sociais, na medida em que promovem e fortalecem vínculos construídos no decorrer dos trajetos. “Você encontra muito viúvas. Quase a mesma estória: nunca viajei porque meu marido não queria, porque era doente, porque meu marido não gostava. Você encontra vinte viúvas num ônibus de quarenta pessoas” (Cora, setembro de 2008).

A necessidade feminina em se distanciar do universo cotidiano e doméstico representou a principal motivação evidenciada durante as entrevistas.

Meu objetivo é isso. Sair da rotina. [...] A gente faz uma higiene mental. Sair da cozinha. Neste dia a gente se sente uma rainha. Neste tempo, assim, passeando, eu me sinto uma rainha. Por que? Porque a gente come... não fui pra beira do forno, não lavei prato. Não tomei conta de casa. Por isso, eu quero passear para me sentir uma rainha (Dona Ednéia, dezembro de 2008).

Eu acho que é porque são mais sofridas, ocupadas ou quer fugir da rotina do dia-a-dia, para se libertar um pouco. Pelo menos elas deixam de ser doméstica para ter alguns dias de rainha (Walter, janeiro de 2009).

Os homens, em menor número, viajam normalmente com suas companheiras. Mas, sejam sozinhos ou acompanhados, quase não são vistos nas excursões. Para Walter, 55 anos, que sempre viaja com a esposa e as irmãs, os homens não têm o hábito de viajar, pois preferem outras formas de diversão. “Tem gente que não gosta de sair com a esposa, com o filho. Prefere tá numa barraca bebendo com os amigos”, explica ele.

Eu acho que o homem tem mais receio de ir sozinho. [...] Eles vêm acompanhados, porque a mulher está trazendo, mas sozinhos eles não viajam. Homem não viaja sozinho, é muito difícil. Eles viajam acompanhados (Mariete, dezembro de 2009).

Rapaz, eu juro a você que eu queria entender. Porque através dessas viagens, se o cara tá sozinho, tá solteiro, é divorciado, é separado, é viúvo, sei lá...ele iria ter opções demais nas viagens, né? Porque o que tem de mulher de tudo quanto é jeito [nas viagens]. Tem gorda, magra, alta, baixa, loira, branca, com dinheiro, sem dinheiro, velha, nova, careta, avançada. Tem de todo o tipo. Seria até uma maneira deles buscarem uma companhia ou curtirem um momento também. Porque do mesmo jeito que os homens querem curtir um momento, a gente também quer curtir um momento (Fábia, outubro de 2008).

As excursões turísticas são formadas, em grande parte, por pessoas que já possuem vínculos de amizade construídos no bairro, nas instituições de ensino ou nos ambientes de trabalho. Os integrantes são classificados pelos fretantes como antigos e novatos, categorias êmicas que indicam a relação indivíduo-grupo. Tais denominações aproximam-se da categorização de Nobert Elias quando trata dos estabelecidos e *outsiders*. Os antigos atuam como os estabelecidos, ou seja, aqueles que compartilham uma identificação coletiva proveniente do compartilhamento de normas e códigos de conduta do grupo. Este vínculo resulta da antiguidade de associação entre seus membros, promovendo um grau de coesão interna. Já os novatos, os *outsiders* são os recém-chegados, os estranhos ao grupo, sendo, portanto, desconhecedores das normas e valores compartilhados pelos estabelecidos. Mas conforme Elias (2000), as relações de poder travadas entre estabelecidos e *outsiders* envolvem estigmatização,

exclusão, hostilidade e repulsa, algo não observado no transcorrer das viagens vivenciadas.

## A aprendizagem sociocultural

Além de promover o lazer e o contato social, as excursões servem como meio de acesso a ambientes e serviços que não fazem parte do dia-a-dia de muitos de seus integrantes. Por isso, promove um processo de aprendizagem que contribui para o capital social e cultural, na medida em que desencadeia uma série de situações inatas ao turismo, envolvendo pessoas, lugares e serviços. “Conheço outras pessoas, conheço outras culturas, conheço outros níveis assim... sociais. O ser humano tem que sair daquela rotina. Você viajando você conhece pessoas, culturas, costumes, regras, tradições, folclores”, explica Dona Eva, 70 anos.

Os fretantes (organizadores das viagens) também contribuem para tal aprendizagem, pois ajudam seus convidados a se adaptarem e procederem de acordo com cada situação, conforme relata Irma e Marluce:

As vantagens é que você também conhece os lugares, você está renovando as amizades, você está tendo o poder de dar conhecimento ao ser humano. Se ele não estiver preparado, você reeduca. Turismo é reeducação, como se comportar. As pessoas que viajam pela primeira vez ficam ‘com dedo’, achando que não podem estar ali porque têm advogados, engenheiros, arquitetos. No entanto está todo mundo aqui neste mesmo pacote. E todo mundo tem o mesmo comportamento. [...] É vendo e aprendendo, né? Então vamos copiando o que não sabemos. No caso eu copiei (Irma, novembro de 2008).

Eu digo ao meu turista: gente, olha, o *city tour*....porque o turista está batendo papo e o guia lá. Aí eu faço: licença gente. Olha, por favor, eu quero um minuto da atenção de vocês. O *city tour* é riqueza, é conhecimento. É pago gente. Vocês estão pagando. Esse *city tour* aqui não fui eu que paguei. Foram vocês. Saiu do bolso de vocês. Então presta atenção um pouquinho. É só meia hora, uma horinha. Tem tanta coisa bonita pra vocês aprenderem, pra vocês verem. Aí o passageiro vai e se conscientiza. Por que? Porque eles estão acostumados a ir de bolo. Chega, olha o *Beach Park*, olha a praia de Iracema, olha o mercado. E eles estão ali batendo papo, nem estão ligando. Quando chega com a gente, com tudo certinho mesmo sem ser agência, aí quer bater papo. Eu pego o microfone e brigo. Delicadamente eu brigo mesmo. [Digo]: gente, turismo é cultura. Eu sei que vocês são cultos, mas, vamos conhecer a cidade do colega. É isso que eu acho (Marluce, outubro de 2008)

A cada excursão novos hábitos e conhecimentos são incorporados pelos convidados que paulatinamente vão se familiarizando com outros contextos e situações.

Na primeira viagem eu não sabia a roupa que levava. Não tinha muita orientação [sobre] a hora de acordar. Aprendi esse ano. No dia 15 de novembro, quando a gente foi pra João Pessoa, tinham lá de outra excursão pessoas até do Rio de Janeiro. Eu tava botando meu bronzeador no braço, aí a outra moça disse assim: bota na costinha da mão e bota assim na maçã do rosto que é onde queima mais. Então a gente vai aprendendo coisas. [...] E coisas que aconteceram na viagem eu falei na faculdade e tirei nota boa. Foi aproveitado (Dona Ednéia, dezembro de 2008).

A estada em um hotel, por exemplo, promove o contato com espaços de lazer, serviços, alimentos e hábitos distintos do que se tem em casa. Por isso, apresenta-se como um dos serviços mais valorizados pelos excursionistas, causando preocupação entre os fretantes que buscam opções compatíveis com cada grupo. Dona Edilma conta um episódio que evidencia o papel dos meios de hospedagem nas viagens:

O hotel de Fortaleza é na beira mar. Ali na praia de Iracema. E o hotel é chique. Quando eu fui chegando à primeira vez, eu chega fiquei com vergonha... o povo quando olhou e viu aquele hotel disse: êita, será que um dia Dona Edilma vai trazer a gente pra um hotel desse? E eu só reparando...Quem já foi e que vai de novo [pergunta]: é aquele hotel? Aí eu digo: é aquele hotel (Dona Edilma, janeiro de 2009).

A qualidade dos meios de hospedagem atrai ou repele os novos participantes, tornando-se um dos fatores determinantes na escolha das excursões e permanência com os fretantes, como explicou Dona Laura, amiga de Dona Edilma. “Edilma procura os melhores hotéis. Porque tem esse pessoal que faz viagem às vezes que só leva pra hotel fraco, muito fraco”. E Dona Edilma completa: “Seu Lourenço mesmo, só leva pra cada lixo...uns hotéis fracos. Eu tirei um bocado de passageiro dele que só viaja comigo agora por conta de hotel”.

Ter contato com a culinária local e outros repertórios gastronômicos representa um importante fator de aprendizagem sociocultural. O acesso a restaurantes e espaços de comensalidade são atividades bastante valorizadas pelos excursionistas. Dona Ednéia, por exemplo, relatou-me que só passou a ter o hábito de frequentar restaurantes após começar a viajar. A gastronomia serve também como meio de interação com a cultura visitada, como conta Fábia:

Ainda por cima é cultural. Você conhece os costumes. Você conhece a maneira das pessoas viverem, comerem. Quando eu viajo, o que você me der para eu comer eu como. Já comi jacaré, cobra, tatu, veado. Eu gosto pra conhecer. Eu posso não repetir, né? [...] Eu gosto pra conhecer a cultura e a culinária dos locais (Fábia, outubro de 2008).

As iguarias locais são frequentemente adquiridas para serem presenteadas no retorno da viagem, por isso, as feiras, mercados públicos e centros de turismo são paradas obrigatórias durante os percursos. Nos trajetos os organizadores costumam levar os excursionistas em locais com opções gastronômicas compatíveis com as necessidades e condições financeiras do grupo. Tais cuidados se concretizam no serviço de bordo, nas refeições feitas nos meios de hospedagem e na escolha dos restaurantes nos locais visitados.

Em dezembro de 2008 participei da viagem de Marluce, Mariete e Maria Cristina para Natal, que ocorreu durante o período natalino quando a cidade também comemora o seu aniversário. A excursão foi chamada de “Natal em Natal”, pois saímos no dia 23 e retornamos no dia 25 de dezembro. Para isso, as fretantes organizaram a ceia no hotel onde estávamos hospedados. Em conversas informais com diversas integrantes do grupo, percebi a satisfação do público feminino pelo distanciamento das obrigações do lar neste período. Muitas delas estavam viajando justamente para vivenciar uma noite de Natal com o conforto de uma estada em um hotel sem ter de se preocupar com o preparo da ceia.

O acesso a cidades, atrativos turísticos, espaços naturais e histórico-culturais também representa outro fator que contribui para a aquisição de capital social e cultural. Os roteiros planejados pelos provedores seguem em grande medida os itinerários utilizados pelas agências de viagem e turismo. Por isso, lugares que fazem parte do imaginário de muitos dos participantes passam a ser conhecidos durante as excursões. Ao relatar-me um dos roteiros promovidos pelas amigas, Mariete declarou: “Vai ter Salvador com Aracaju e Costa do Sauípe. Conhece? É um luxo. O almoço nosso vai ser na Costa de Sauípe, só tem artista, amiga. Nem parece que a gente está no Brasil. É muito bonito”.

A presença do guia em muitas das viagens constitui mais um modo de acesso a informações e curiosidades da localidade visitada, como conta a excursionista Elomar, 59 anos:

Porque ele contrata guia quando é um lugar mais distante. Por exemplo, quando a gente vai pra Fortaleza, Paulo Afonso, sempre tem um guia para explicar tudo. E a gente aprende, aprende muita coisa. Mesmo assim nesta brincadeira a gente aprende, a gente conhece. [...] Eu, quando era criança que estudava, tinha um livro com uma fotografia em preto em branco aqui e acolá, e o resto era letra. Eu abria meu livro e via uma fotografia desse tamanhinho das dunas de Natal, e muitas vezes eu ficava olhando e achava aquilo tão distante, acha que nunca ia ver (Elomar, setembro de 2008).

Outro aspecto importante é o uso de distintas formas de transportes capazes de promover novas experiências de viagem. É o caso do avião, do navio, das escunas ou mesmo de barcos que muitas vezes são utilizados como meio de deslocamento ou atrativo turístico. Alguns fretantes, como Marluce, fazem acordo com operadoras para comercializar cruzeiros pela costa nordestina, estimulando a curiosidade e vontade de seus excursionistas. Dona Ednéia, por exemplo, já planeja com uma amiga a viagem de navio, como conta:

Por sinal, essa amiga minha que eu conheci nesses passeios marcou comigo pra gente fazer um passeio de navio. Uma pessoa que eu já viajei com ela três vezes disse que o filho dela já viajou de navio e foi muito bom. E ela quer que eu vá com ela (Dona Ednéia, dezembro de 2008).

Já Dona Zezinha, de 75 anos, não se esquece da emoção que sentiu quando andou de avião pela primeira vez:

Andei de avião de madrugada, olhando assim pela janela...quando vi as nuvens. Ai que coisa linda, nunca esqueci aquela madrugada. Lindo, lindo, lindo! A gente passando por dentro das nuvens...parecendo umas espumas de sabão. Adorei (janeiro de 2009).

Durante a entrevista, a interlocutora relatou que seu sonho é andar de helicóptero.

## O ônibus

O ônibus constitui o principal contexto de interação social durante os trajetos, pois representa um dos poucos espaços que congrega todo grupo. É no interior do veículo que os participantes conversam, trocam confidências, fofocam, brincam, fazem festas, dão avisos, rezam, trocam presentes e alimentos. Este é, portanto, o ambiente que

[...] se insinua toda a inventividade dos ‘jogos de linguagem’, através de uma encenação de conflitos e de interesses assinalados a meia-palavra: artimanhas, desvios semânticos, quiproquós, efeitos sonoros, palavras inventadas, palavras deformadas (GIARD, 1996, p. 338).

Nas excursões, os veículos partem inicialmente da casa dos organizadores levando os familiares e alguns moradores do bairro e segue em direção a pontos estratégicos da cidade, onde outros excursionistas aguardam. Tais paradas ocorrem em praças públicas, paradas de ônibus, avenidas de grande fluxo, ruas de bairros e estabelecimentos comerciais.

As boas vindas são dadas pelos fretantes assim que o grupo já se encontra devidamente acomodado. É neste momento que os avisos são transmitidos e as orientações sobre o tempo de deslocamento, horários, passeios e atividades a serem desenvolvidas são repassados.

As orações ocorrem em seguida, sendo feitas em conjunto com os demais integrantes. Este é um momento em que todos pedem proteção para a viagem, como sempre faz a fretante Marluce: “Que Jesus e a Virgem Maria nos acompanhe, nos leve e nos traga. Depois, todos juntos vamos fazer aquela oração bem forte, bem firme em agradecimento. [...] Uma salva de palmas para Jesus”.

Além das orações, alguns grupos também cantam músicas religiosas:

Senhor põe teus anjos na estrada, senhor põe teus anjos na estrada. Com a espada desembainhada, senhor põe teus anjos na estrada. Não deixe que o inimigo escarneça e zombe de nós. Cobre, Senhor, com Teu sangue, Senhor põe teus anjos na estrada (grupo de Dona Celeste durante a excursão para Salvador, janeiro de 2009).

As amigas Marluce, Mariete e Maria Cristina costumam distribuir panfletos com a Oração da Boa Viagem para que todos possam acompanhar e rezar juntos:

Oh! Deus, te agradecemos pela oportunidade de viajar. Cremos em tua onipresença porque és luz que nos orienta todos os destinos pelas estradas da vida. Por isso pedimos segurança durante o percurso. Guia todos os passageiros e nos protege. E em alguma emergência preserve as nossas vidas senhor, para que possamos atingir nossas metas com alegria e tranquilidade. Enfim, permita-nos fazer uma boa viagem. Amém (Oração da Boa Viagem, dezembro de 2008).

O serviço de bordo é ofertado logo após as orações. O repertório é composto de bolos, salgadinhos, sanduíches, bombons, pipoca, água, sucos e refrigerante comprados no comércio do bairro ou preparados na residência dos organizadores (Figura 1).

Figura 1 – Serviço de bordo da excursão “Natal em Natal”, dezembro de 2008



Fonte: Acervo da autora.

A alimentação também possibilita muitas das comemorações e festividades vivenciadas no decorrer dos deslocamentos, pois como relembra Hernández e Arnáiz (2005, p. 215), “as práticas alimentares são primordiais no estabelecimento e manutenção da sociabilidade humana, no intercâmbio pessoal e reciprocidade”. Em alguns grupos, os integrantes levam comidas de casa para compartilharem com os demais participantes e, dependendo do destino, há também a compra de alimentos para serem consumidos no decorrer da viagem.

Boa parte da interação entre os integrantes começa com a conversa, que promove um processo de conhecimento mútuo. Recordo-me da frase que ouvi durante a excursão a Taquaritinga do Norte-PE quando em meio aos diálogos paralelos uma integrante exclamou: “Só em a gente se reunir e conversar, é tão bom né?”. Como declara Onfray (2009, p. 36), “[...] a cabine de voo, o convés, o vagão e o assento são habitáculos que oferecem ocasiões de proximidade ou mesmo de promiscuidade, que forçam ao relacionamento ou obrigam à conversação”.

Conforme esclarece Simmel (2006), a conversa sociável reflete apenas a busca da interação no momento em que acontece, não havendo finalidade para além do instante vivido. Trata-se de um processo de comunicação do qual o que mais importa não é o

conteúdo, mas a possibilidade de socializar-se e sentir-se parte do grupo. Ela se apresenta como uma arte que possui suas próprias leis, determinações e éticas, refletindo puramente a necessidade de sociação. “O fato de que esse conteúdo seja dito ou ouvido não é um fim em si mesmo, e sim um puro meio para a vivacidade, para a compreensão mútua e para a consciência comum do círculo social” (SIMMEL, 2006, p. 77).

As muitas horas compartilhadas no interior do veículo transformam tal ambiente em espaço lúdico, de criatividade e diversão. Na excursão a Aracaju, em janeiro de 2009, o ônibus foi dividido pelos participantes em lado A e lado B. O primeiro representava a primeira parte do ônibus, onde estavam situados os casais e os passageiros idosos. Já o lado B era constituído pela turma da festa e das brincadeiras, localizadas no final do ônibus.

Carmem, passageira do lado B, trouxe sacos de pipoca, salgadinhos, amendoins e chicletes, que se transformaram na sensação da viagem. Grande parte dessas guloseimas custava R\$ 0,70 centavos e era consumido no interior do veículo. Quem cuidava da barraca era Rose, uma das principais representantes do lado B, que pegava os produtos, recebia o dinheiro e fazia a contabilidade.

No terceiro dia de excursão fomos visitar alguns atrativos turísticos sob a batuta de Seu Alves, um guia de turismo de seus 65 anos, que tinha um vasto conhecimento político, histórico e econômico sobre a cidade. O problema é que grande parte do conteúdo repassado pelo profissional era pouco atraente ao grupo, causando aborrecimentos, sobretudo, aos integrantes do lado B.

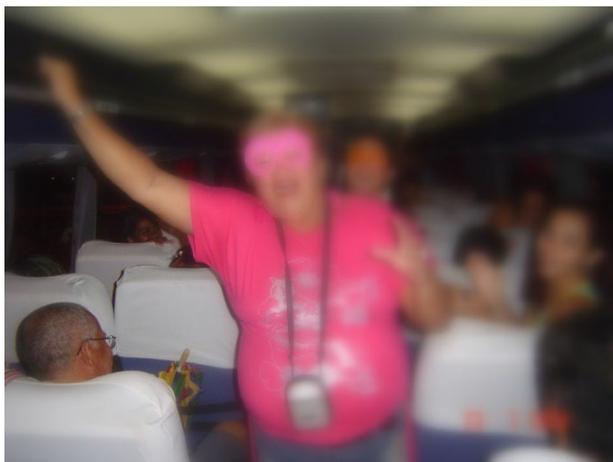
Seu Alves falava sem parar enquanto a bagunça aumentava no final do ônibus. O lado B fazia barulho para desconcentrá-lo, cantando e produzindo refrãos de despedida para ele. O guia vangloriava-se por ter produzido a folheteria entregue ao grupo, composta por panfletos sobre atrativos turísticos que mesclavam linguagem formal e coloquial. Mas ninguém ligava para o material. Por vezes, Seu Alves tentava entrar na brincadeira, mas quase sempre levava a pior, pois lhe faltava criatividade, sagacidade e jogo de cintura. Sua presença era bem-vinda apenas quando havia a necessidade de orientar o motorista nos percursos pela cidade. De resto, seu conhecimento pouco valia para o lado B.

Figura 2 – O lado B na excursão de Aracaju-SE



Fonte: Acervo da autora.

Figura 3 – A líder do lado B na excursão de Aracaju-SE



Fonte: Acervo da autora.

Nas excursões turísticas o tempo de permanência no ônibus é maior que as demais viagens. Por isso, os organizadores costumam promover atividades recreativas que aproximam os participantes e humanizam a longa permanência no interior do veículo (Figuras 03 e 04). Confirmam, portanto, a perspectiva de Onfray (2009, p. 14), de que

[...] viajar supõe, portanto, recusar o emprego do tempo laborioso da civilização em proveito do lazer inventivo e alegre. A arte da viagem induz uma ética lúdica,

uma declaração de guerra ao espaço quadriculado e à cronometragem da existência.

Dona Edilma costuma promover o concurso do rei e da rainha da viagem, bem como a miss e o mister simpatia. No início de cada percurso, a organizadora distribui um pedaço de papel para que todos possam votar nos candidatos. Mas caso não concorde com os eleitos faz questão de alterar o resultado, decidindo ela mesma quem ficará com os títulos.

Primeiro eu faço a eleição. Eu tenho coroa, eu tenho a capa, eu ainda dou um brinde a quem ganhar. É a miss simpatia, o mister e a rainha da viagem. Agora tem o seguinte...é sempre as pessoas que o povo vota. Eu dou o papelzinho na vinda e a pessoa vota. Mas se for uma pessoa que eu achar que não deve ganhar não ganha não. Jamais Sônia será a rainha de uma viagem minha. Jamais Celma será a miss simpatia de uma viagem minha. Jamais. Ela é cheia de direito, tudo ela reclama e eu ainda vou eleger a rainha da minha viagem? (Dona Edilma, janeiro de 2009).

Walter já ganhou dez vezes o prêmio de *mister simpatia* e esclarece a razão do seu sucesso:

É que *mister simpatia* é simplesmente a pessoa que mais desenrolou, foi mais popular com a turma, procurou agradar mais, procurou desenrolar as perguntas de algum passageiro. Eu não conhecia ninguém, mas quando alguém me perguntava eu me interessava em perguntar a Dona Edilma o que era isso, para onde é que nós iríamos no dia seguinte. E aí eu transmitia ao passageiro (Walter, janeiro de 2009).

Hoje Walter prefere não mais concorrer, optando por ajudar a organizadora antes e durante a viagem. Ele paulatinamente foi se transformando em braço direito da fretante, conforme explica: “Ela me traz gratuitamente porque eu chamo bingo, dou informação, procuro onde tem a melhor brincadeira. Tudo que eu puder fazer para agradar os passageiros dela eu faço” (Walter).

O amigo secreto é outra modalidade bastante presente nas excursões, feito por quase todos os grupos pesquisados. Alguns aproveitam para fazer uma versão inversa da atividade, que é o inimigo secreto, para apimentar ainda mais a brincadeira.

[...] tem uma brincadeira que eu boto todos os brindes na mesa e boto todo mundo sentado. Cada um tira um número: de um à cinquenta. O primeiro não pode trocar. O segundo é que pode tirar o do primeiro. Aí pode dizer que não quer o que tirou. Aí é muita briga. Tem gente que esconde. Tem gente que diz que quer a camisa de fulano... (Dona Edilma, janeiro de 2009).

Dona Celeste gosta de fazer bingo:

Eu compro..., eu chego na cidade, eu compro assim umas lembrancinhas de R\$ 3,00, de R\$ 4,00 pra organizar o bingo pra dar aquela animaçãozinha. A gente pega aquelas cartelas e distribui dentro do ônibus, pega aqueles palitos de dente. O ônibus está andando, a gente tá fazendo um bingozinho...Vai começar o bingo, aí começa, vai chamando, tudinho. Aí depois a gente confere, devargazinho...Entrega aquele prêmio. Quando eu não faço bingo eu faço sorteio das cadeiras, tá entendendo? Eu só não boto as minhas cadeiras, [porque] eu não gosto. Mas do resto do grupo eu boto. Eu balanço a sacolinha pra o pessoal tirar. Quem foi a cadeira 30? Aí a gente dá uma toalha de banho, duas toalhas de prato. Assim pra animar. Porque o povo quer é animação, né? (Dona Celeste, setembro de 2008).

Já o grupo de Marluce, Mariete e Maria Cristina costuma fazer a brincadeira do anjo, logo no início do percurso, como forma de estímulo a aproximação entre os integrantes, conforme explica Marluce:

Vamos dizer que eu pegue Vavá. Então eu sou a protetora de Vavá. [...] Eu vou tomar conta de Vavá sem ela saber. O interessante da brincadeira é isso. Por exemplo, no café da manhã, se eu tiver a oportunidade de dar uma rosa eu mando [...]. Agora eu mando outra pessoa entregar. Entendeu como é a brincadeira? Eu não vou mais entregar, porque se eu for entregar ela vai saber que eu sou o anjo dela. É o anjo protetor secreto. [...] Você pode mandar mensagem para seu anjo... Eu vou colocar um saquinho aqui, aí todo mundo quando chegar deixa sua mensagem aqui. E você escolhe o nome fictício. Por exemplo, eu estou fazendo uma comparação. Minha protegida é Vavá. Então meu nome vai ser 'anjo sem asa'. Então, todo o dia o 'anjo sem asa' vai deixar uma mensagem aqui para Vavá. E Vavá vai estar esperando o anjo dela. Entendeu como é a jogada? Vocês podem deixar um recado. Vocês podem fazer uma gentileza na hora do café. Na hora do almoço. É o amigo secreto que vira anjo (Marluce, dezembro de 2008).

No início da excursão a Natal, Marluce distribuiu envelopes de cartolina para que todos pudessem escrever o nome. Estes foram colocados em uma sacola para logo depois serem redistribuídos entre os participantes. Cada um sorteou a pessoa que seria protegida e cuidada no decorrer do percurso.

Duas vezes por dia a fretante lia as mensagens dos anjos e entregava para seus respectivos protegidos. Os recados eram carinhosos e/ou engraçados, escritos em guardanapos de restaurantes e lanchonetes utilizados no trajeto. Havia anjos atuantes e ausentes. Durante o percurso, a brincadeira promovia um sistema de dádivas entre os integrantes, na medida em que criava a obrigação de observar e cuidar do companheiro através de gentilezas, recados e presentes.

## O quarto de hotel

O quarto de hotel constitui o espaço em que a alteridade é experimentada de modo mais latente durante a viagem. É neste ambiente onde as diferenças entre os indivíduos são vivenciadas de maneira mais densa, tornando-se fonte de aproximações ou distanciamentos. Por isso, os fretantes costumam organizá-lo conforme o tipo de vínculo existente entre os integrantes, considerando as relações de parentesco, de vizinhança e/ou amizade. Para os que não possuem tais vínculos, são levados em consideração aspectos como gênero, idade, estilo de vida e temperamento de cada um. É uma tática usada pelos organizadores para minimizar os conflitos que por ventura possam surgir.

Muitas vezes, a proximidade entre as pessoas é tão intensa que as relações de parentesco e de gênero são desconsideradas. Foi o que aconteceu na excursão de Dona Celeste para Salvador, quando a fretante colocou os poucos homens existentes no grupo em quartos compartilhados com mulheres, justificando que não tinha problemas porque eram conhecidos. Ela mesma dividiu seu quarto com mais quatro pessoas, ficando seu marido, sua neta e mais duas integrantes da excursão.

Após um dia de passeios e diversão, as conversas no quarto de hotel costumavam envolver múltiplos temas. No contexto feminino, os assuntos mais frequentes versavam sobre relacionamentos amorosos, família, saúde, religião, estética, alimentação, moda e beleza. Para Botton (2003), o quarto de hotel possibilita o desprendimento da realidade cotidiana pela própria dinâmica que o espaço impõe:

Podemos refletir sobre nossas vidas a partir de um patamar que não teríamos alcançado no meio dos afazeres diários – com o sutil auxílio, para isso, do mundo pouco familiar ao nosso redor: os pequenos sabonetes embalados à beira da pia, a galeria de garrafinhas em miniatura no frigobar, o cardápio do serviço de copa, com suas promessas de refeições a qualquer hora da noite, e a vista para uma cidade desconhecida em silenciosa atividade vinte e cinco andares abaixo de nós (BOTTON, 2003, p. 68).

O quarto de hotel apresenta-se como um ambiente social onde os hábitos domésticos podem tornar-se fonte de amizades ou conflitos. São pequenos detalhes que fazem a diferença no compartilhamento deste espaço, tais como: o horário de dormir ou levantar, o uso do ar-condicionado, a luz acesa, o tempo gasto no banho, o barulho, entre tantos outros aspectos. Essa realidade pode ser observada no relato de Dona Edilma:

As duas que estão no quarto com Sônia disse a mim: outra vez não ficaremos no quarto com Sônia. Porque Sônia não deixa ninguém dormir, ela liga a televisão muito alto e vira para o lado dela. E de madrugada desliga o ar-condicionado. Eu me acordei suada e fui lá e liguei. Ela dá um tempo e desliga de novo. Eu tenho uma passageira, Josefa, que ninguém quer ficar com ela também, porque ela anda nua dentro do quarto. Pode ter criança, adulto, quem for. Se baixa nua. Ai ninguém quer ficar com Josefa (Dona Edilma, janeiro de 2009).

A convivência no quarto de hotel remete ao sentido de simetria entre os indivíduos. Como defende Simmel (2006), cada envolvido precisa retirar aquilo que lhe é essencialmente material, íntimo e pessoal para promover um processo relacional homogêneo, do qual cada participante precisa esforçar-se para estar equitativamente próximo ao outro. Quando há a quebra da interação simétrica, os conflitos tendem a aparecer.

Trata-se de um ambiente em que as qualidades pessoais são determinantes. Entretanto, conforme Simmel (2006), num processo de sociabilidade ao mesmo tempo em que há uma ênfase na personalidade tem-se um controle sobre ela, justamente pela impossibilidade que o individual tem em fluir de forma autônoma. “Quando os interesses reais, em cooperação ou colisão, determinam a forma social, eles mesmos já cuidam para que o indivíduo não apresente sua especificidade e singularidade de modo tão ilimitado” (SIMMEL, 2006, p. 66), visto que na personalidade que é levada à sociabilidade devem ser excluídos os elementos de caráter objetivo e os de âmbito íntimo e pessoal.

Na sociabilidade não entram o que as personalidades possuem em termos de significações objetivas, significações que têm seu centro fora do círculo de ação; riqueza, posição social, erudição, fama, capacidades excepcionais, eméritos individuais não desempenham qualquer papel na sociabilidade (SIMMEL, 2006, p. 67).

Lembro-me que durante a excursão à Natal passei por maus bocados com minha companheira de viagem. Era uma senhora de 55 anos, casada, funcionária pública, de poucas palavras e temperamento difícil. Nossa convivência foi permeada por momentos cheios de negociações e conflitos. Durante os quatro dias de excursão, precisei aprender a conviver com a desconfiança e o mau-humor da interlocutora que estava sempre disposta a controlar-me, interrogando e criticando meus hábitos. Suas observações permeavam desde o horário em que eu despertava, passando pelo tempo do banho e desaguando nos meus hábitos alimentares. Ao final da viagem tive a sensação de ter sido bem mais investigada do que pude investigar, já que todas as minhas atitudes não deixaram de passar pelo seu crivo e análise.

## Considerações finais

Diante do exposto, compreendemos que neste sistema popular de viagem, a experiência turística apresenta-se como uma forma lúdica de sociação que origina do distanciamento dos indivíduos do ambiente vivido em direção a lugares desconhecidos. Para os que dela fazem parte, tal prática reveste-se de “[...] um papel simbólico que preenche suas vidas e lhes fornece um significado que o racionalismo superficial busca somente nos conteúdos concretos” (SIMMEL, 2006, p. 65).

Os deslocamentos turísticos são vivenciados como experiências inscritas numa lógica interativa do qual cada componente tem a possibilidade de participar ativamente das atividades no trajeto. Trata-se do que Zaoual (2009) chamou de “turismo situado”, ou seja, uma forma de turismo de proximidade, vivencial e relacional, que reflete valores, normas e modos de vida dos atores sociais envolvidos. É resultado das necessidades humanas de convívio, diálogo e trocas materiais e simbólicas geradoras de experiências coletivas.

Por isso, concordamos com Santos (2005) de que tais deslocamentos são capazes de evidenciar estilos de vida, habitus de classe, formas de sociabilidade, trocas econômicas e práticas de consumo, tornando-se um importante campo para se pensar e analisar a sociedade.

## Referências

- BOTTON, A. **A arte de viajar**. Rio de Janeiro, Rocco, 2003.
- CERTEAU, M. de. **A invenção do cotidiano 1: artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 2007.

ELIAS, N.; SCOTSON, J. I. **Os estabelecidos e os outsiders**: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

GIARD, L. Cozinhar. In: CERTEAU, M.; GIARD, L.; MAYOL, P. (Org.). **A invenção do cotidiano 2**: morar, cozinhar. Petrópolis: Vozes, 1996. p. 211-332.

GINER, J. C. **La amistad**: perspectiva antropológica. Barcelona: Icaria Editorial, 1995.

HERNÁNDEZ, J.C.; ARNÁIZ, M.G. **Alimentación y cultura**: perspectivas antropológicas. Barcelona: Ariel, 2005.

NERY, P. R. A. **Viagem, passeio, turismo**: estudo comparado do deslocamento como valor. 1998. 242f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Museu Nacional/Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1998.

ONFRAY, M. **Teoria da viagem**: poética da geografia. Porto Alegre: L&PM, 2009.

SANTOS, R. J. dos. Antropologia, sociologia e estudos do Turismo: contribuições para um diálogo interdisciplinar. **Revista Hospitalidade**, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 23-46, 2005.

SIMMEL, G. **Questões fundamentais da sociologia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.

ZAOUAL, H. Do turismo de massa ao turismo situado: quais as transições? In: BARTHOLLO, R.; SANSOLO, D. G.; BURSZTYN, I. (Org.). **Turismo de Base Comunitária**: diversidade de olhares e experiências brasileiras. Rio de Janeiro: Letra e Imagem, 2009. p. 55-75.